



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no café da manhã com a Abic, por ocasião do lançamento da 1ª Edição Especial dos Melhores Cafés do Brasil

Brasília-DF, 26 de abril de 2005

Meu querido companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Meu querido companheiro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Meu querido companheiro Walfrido dos Mares Guia, ministro do Turismo. Fiquei feliz porque fiquei sabendo que o seu irmão voltou ao berço antigo, em que o irmão falava mais do que ele, era mais novo. Em 1985, saiu do PT e agora eu fiquei sabendo que voltou, depois de um longo e tenebroso inverno.

Meu querido Carlos Melles, Edinho Montemor, Geraldo Thadeu, Mário Heringer, Odair da Cunha, Silas Brasileiro e Vicente Cascione, deputados federais que estão aqui prestigiando esse lançamento,

Meu caro Guivan Bueno, presidente da Associação Brasileira da Indústria do Café,

Meu querido João Carlos de Oliveira, presidente da Associação Brasileira de Supermercados,

Senhoras e senhores empresários do setor de café,

Meu querido companheiro Ratinho, que eu nem sabia que plantava café. Não sei o que está fazendo aqui, porque poderia fazer mais propaganda do café, se é que produz café, no programa dele, para fazer as pessoas beberem café.



Eu não sei se faço um discurso aqui, mas eu queria dizer para vocês um negócio, eu acho que eu sou capaz de parar de beber água e não de beber café. Se tem um vício que eu tenho na minha vida é de tomar café. Eu, às vezes, à meia-noite estou com azia, por causa da quantidade de café que eu tomo. Quem já esteve em audiência comigo percebe que de cinco em cinco minutos... eu diminui até o tamanho da xícara para não parar de tomar café, mas eu tomo café o dia inteiro: tomo café meia-noite, uma hora da manhã, duas horas da manhã, onde eu viajar a maquininha de café vai comigo, e tem gente que acha que café faz a gente perder o sono. Eu, para dormir, preciso tomar café. É um vício que eu não tenho vontade de largar.

E eu brinco sempre com os mineiros, Walfrido. Eu sei que o Sul de Minas é um grande produtor de café, mas o grande desafio é fazer com que os mineiros coloquem uma colherzinha de pó a mais no café, para ele ficar mais forte, e a gente vai atingir o milhão que nós precisamos, a mais, já neste ano, se a gente aprender a colocar uma colherzinha a mais para o café ficar mais forte, ficar mais saudável.

Confesso a vocês que quando eu participo de um evento como este, vai crescendo dentro de mim uma certeza de que vale a pena a gente acreditar neste país, vale a pena a gente acreditar nos empresários brasileiros, vale a pena a gente acreditar nos trabalhadores brasileiros e vale a pena a gente acreditar nos produtores rurais brasileiros.

Eu vou repetir aqui uma coisa que eu já falei. Quando eu chamei o Furlan para ser ministro e o Roberto Rodrigues para ser ministro, eu nunca perguntei a eles a que partido pertenciam, nunca perguntei a eles em quem votaram, nunca perguntei a eles a que religião pertenciam. A única coisa que eu sabia dos dois era que eram dois excelentes profissionais, um em cada área, e que um é são paulino fanático e o outro um corintiano fanático. Era a única coisa que eu sabia deles. E confesso a vocês que foi a escolha desses companheiros nessas duas áreas extremamente importantes para o



desenvolvimento do Brasil, uma, a agricultura, e outra, a indústria, que está fazendo com que o Brasil deixe de ser visto no mundo como um país de terceiro mundo, como um país menor, em que os seus ministros viajam para o exterior apenas para chorar a nossa pequenez, para lamentar a nossa pobreza e para reclamar das coisas que nós ainda não temos.

Eu sempre sonhei que, se eleito presidente da República, eu queria criar uma secretaria especial de comércio exterior, eu queria criar o “mascate”. Eu digo sempre, a imagem que eu tinha do “mascate” era daquele cidadão que chegava na casa da gente, batia palmas, a mãe da gente não queria atender mas ia atender e depois de meia hora de conversa, ela voltava para dentro com um pacote de pano embaixo do braço, uma prestaçõzinha para pagar em 12 ou em 24 meses e estava contraída a dívida, o mascate tinha conseguido convencê-la.

O que nós temos feito, a nível de política internacional, é apenas a valorização da alma, da capacidade, da tecnologia e do conhecimento do povo brasileiro. Nós, com muita humildade, temos ocupado espaços importantes, temos disputado espaços muito importantes. Eu duvido que na história do Brasil, ministros já viajaram tanto quanto esses dois companheiros, mais o Ministério das Relações Exteriores, batendo porta, abrindo portas, criando novas fronteiras de negócios para o Brasil, fazendo com que a gente ocupe espaços extraordinários.

Eu queria lembrar a vocês que, nesses dois anos, o nosso comércio com a América do Sul já cresceu quase 58%, já é maior hoje do que o nosso comércio com os Estados Unidos. Agora, o que nós queremos é mais, o que nós precisamos é conquistar mais espaço, o que nós queremos é estabelecer novas relações comerciais, o que nós queremos é melhorar o nosso produto, o que nós queremos é ser mais competitivos, o que nós queremos é fazer com que o Brasil não dê um passo atrás.

Vocês estão lembrados que houve um tempo na nossa política



econômica em que o governo fazia a opção: nós vamos apostar na exportação, era tudo para a exportação e o mercado interno quebrava ou ficava numa situação delicada. Aí, de repente, o governo falava: agora, vai ser o mercado interno. Diminuí as exportações e mais ficava no mercado interno.

O que nós estamos tentando provar é que não era incompatível você crescer o mercado externo e crescer o mercado interno. Não é incompatível. De vez em quando, está aqui o meu querido Paulo Skaf, presidente da Fiesp, eu vejo as pessoas falarem e dizerem que o aumento da taxa Selic vai diminuir o consumo interno e eu fico analisando os economistas falando, os especialistas falando, e eu fico pensando que as pessoas não estão percebendo uma coisa que está acontecendo e que não estava escrito em nenhum manual, nem dos trabalhadores, nem dos empresários, nem nas universidades formadoras dos nossos grandes economistas. É que nós estamos colocando no mercado uma quantidade de dinheiro que não estava previsto em nenhum manual da economia.

Só do crédito consignado, nós colocamos 13 bilhões e meio de reais no mercado de consumo, significando 40% do consumo no nosso país. Agora entraram os aposentados, que vão ter acesso a dinheiro a 1,5% no Banco do Brasil. Eu não tenho dúvida que no final do ano serão mais alguns bilhões de reais que estarão no mercado e que não estavam em nenhuma codificação dessas que a gente costuma ler nesses manuais de economia.

Da mesma forma que o forte e crescente apoio ao microcrédito. Quem acompanha o microcrédito, sobretudo quem é parlamentar, quem viu os debates na câmara, nunca na história deste país houve tanta possibilidade, e eu vou dar um dado aqui exato: o governo passado, em oito anos, estava disponibilizando, a cada ano, 33 milhões de reais para o microcrédito. Este ano, nós disponibilizamos 600 milhões de reais.

Se vai ser todo utilizado ou não, nós não sabemos. O dado concreto é que o microcrédito é uma parcela significativa da economia brasileira e nós



temos a responsabilidade de fazê-la crescer. Eu fico imaginando a quantidade de dinheiro, um dia eu quero sentar com o Paulo Skaf e com outros empresários para a gente discutir o quanto entrou no mercado brasileiro esses dias, esses anos, esses dois anos para o consumo.

Primeiro, nós aumentamos o BNDES em 20 bilhões de reais. Segundo, nós temos 8 bilhões de reais do programa Bolsa Família. Terceiro, nós temos mais 3 bilhões de reais do Estatuto do Idoso. Agora, vamos ter mais 40 reais no salário mínimo, ou seja, a verdade nua e crua é que a quantidade de dinheiro que está sendo jogada no mercado não estava prevista nos manuais da ordem econômica deste país. E é por isso que mesmo com a taxa selic a 19,25, é por isso que o mercado interno continua a crescer, é por isso que o varejo está crescendo, é por isso que os supermercados estão vendendo muito, porque as pessoas estão tendo possibilidade de acesso a dinheiro que antes não tinham. E eu estou apenas provando uma coisa que eu imaginei a vida inteira. Se nós somos um país capitalista, é preciso que o povo tenha o mínimo de capital, é preciso que o povo tenha acesso ao mínimo de mecanismos para que possa ter acesso à compra.

E agora nós vamos colocar na praça uma coisa chamada PC Conectado. É um grande projeto para fazer com que a parte mais pobre da população tenha acesso a computadores. É uma engenharia um pouco complicada porque sempre que a gente pensa que o projeto está pronto, ele não está. Nós vamos precisar do apoio dos deputados, porque ontem nós definimos que tem que ser um projeto de lei em caráter de urgência, se a gente quiser fazer com que milhões de brasileiros que hoje estão marginalizados tenham acesso à internet. E um projeto dessa magnitude não pode ficar três, quatro, cinco, dez, doze, quinze anos tramitando. Essa tem que ser uma coisa de poucos dias. Entrar no Congresso e conversar com os deputados, com os presidentes do Senado e da Câmara, para que um projeto como esse seja aprovado. Para quê? Para a gente dar ao povo brasileiro a mesma



oportunidade que têm os nossos competidores. Para a gente garantir que a nossa gente mais humilde tenha acesso às informações para poder trabalhar a partir da sua própria casa e, quem sabe, a gente esteja formando novos e melhores profissionais no nosso país.

E quando eu chego numa festa como esta, que passo tomando café – ainda não me deu azia –, e vejo que a grande preocupação de vocês é tornar o Brasil não apenas mais competitivo, mas provar que o Brasil é capaz de produzir o melhor café do mundo, vocês estão dando um passo extraordinário para dizer: a cafeicultura brasileira não é uma aventura, o Brasil já está cansado de ser exportador de produtos *in natura*, nós queremos agora provar que já consolidamos o Brasil como o maior produtor de café do mundo, como maior exportador de café em grão do mundo, nós, agora, queremos ser um grande transformador desse café, industrializá-lo, transformá-lo cada vez mais num café de qualidade, gerar os milhões de empregos que nós precisamos gerar e, quem sabe, gerar os milhões de dólares que nós precisamos gerar para o nosso país.

Essa atitude de vocês faz com que a gente possa, aqui, elogiar o nosso Ministro da Agricultura e o nosso Ministro do Desenvolvimento. Eu diria que sem demérito a quem já passou pelas pastas neste país, e foram muitos, eu acho que em poucos momentos da nossa história nós tivemos dois ministros dessa qualidade, em duas áreas tão importantes no nosso país. Ou seja, porque são pessoas que conhecem a fundo aquilo que fazem. Conhecem a fundo, não são leigos que estão temporariamente no Ministério da Indústria, do Comércio e do Desenvolvimento ou no Ministério da Agricultura. São pessoas que têm sua formação nessa área, que discutem com igualdade de condições não apenas com os empresários brasileiros, mas eu já tive a oportunidade de vê-los discutir com empresários e com ministros de outros países e eles demonstram, muitas vezes, que conhecem muito mais do que a média das pessoas que discutem com eles.



Portanto, é com muito orgulho que eu digo que, nessa área, o Brasil está extraordinariamente bem representado e eu acho que tanto a indústria quanto a agricultura não têm, na verdade, o que reclamar desses dois ministros que são muito mais do que ministros, são porta-vozes do setor industrial e do setor agrícola do nosso país e vão continuar sendo independentemente de serem ministros.

Vamos ver algumas coisas que foram disponibilizadas para vocês esses tempos, quando o Roberto Rodrigues me procurou para falar da opção, ou seja, na época parecia um absurdo o governo sustentar a 195 reais a saca do café. O Roberto se queixava que estava 37 dólares a saca e que era preciso garantir. É verdade, hoje nós até ganhamos um dinheirinho por conta dessa opção. E nós achamos que é preciso. Esse é um setor em que todos nós, governo e empresários, temos que ter clareza de que a agricultura é uma atividade de risco, sistematicamente de risco, e nós precisamos nos dotar de mecanismos de proteção para enfrentar as intempéries, já que nós não temos nunca controle sobre elas.

Então, nós precisamos agir de forma profissional, de forma não mais amadora. A gente deve pensar para frente o que a gente quer a cada momento. Sabem vocês que terão de mim o apoio irrestrito para que a gente não veja nunca mais neste país, nunca mais, centenas e centenas de produtores de café cortando o seu cafezal porque não acreditam mais nesse tipo de lavoura. Nós não queremos.

Nós achamos que tem momentos melhores, todo mundo sabe que a agricultura é uma atividade cíclica, todo mundo sabe que um tempo nós produzimos demais e somos vítimas da nossa capacidade de produção, tem hora que produzimos, o mundo produz menos e a gente vende mais. Todo mundo sabe que este é um ano de grande produção mundial em vários grãos, mas nem por isso o Brasil está perdendo. É possível que tenha uma ou outra atividade em que a gente esteja ganhando um pouco menos, mas eu acho que



nós precisamos ter consciência de que é assim mesmo.

Eu ouvi o discurso de um empresário quando nós fizemos a reunião dos 50 maiores exportadores brasileiros e ele falava da soja. Ele falava: “tem muita gente reclamando”. Mas o dado concreto é que nós não perdemos nada. Nós produzimos este ano a mesma quantidade que nós produzimos no ano passado. Ou seja, a gente está deixando de ganhar um pouco mais, mas a gente não tem que estar aqui lamentando.

Como o Brasil hoje é praticamente imbatível em algumas áreas, como o Brasil definitivamente entrou nessa parada para ganhar, vocês têm que se preparar, Furlan, Roberto Rodrigues e os nossos produtores, têm que se preparar porque nós temos adversários nessa área. Não pensem que as pessoas lá fora vão ficar vendo o Brasil crescer, vão ficar vendo o Brasil ser o exportador maior do mundo, vão ficar vendo o Brasil vender para vários países. Não. Tem disputa nesse mercado e disputa pior do que São Paulo e Corinthians, pior do que São Paulo e Palmeiras, pior que Corinthians e Palmeiras, Vasco e Flamengo, ou seja, é disputa, todo mundo sabe, “nego” pisa na canela mesmo. Mas o que nós temos que ter é, primeiro, qualidade; segundo, profissionais para defender o Brasil em todas as frentes.

Nós vamos ter problema na carne agora. E a carne tem vários problemas que nós vamos ter que enfrentar, porque o Brasil passou a ser o maior exportador de carne do mundo. O Brasil é um país que abate 36 milhões de cabeças de gado por ano, o Brasil é um país que está sendo levado muito em conta nessa área. E quando a gente cresce, significa que alguém diminui. E não apenas porque a gente ganhou algumas batalhas na OMC, não apenas porque nós ganhamos, mas porque nós estamos ganhando uma parte do mercado mundial. E isso coloca muita gente de orelha em pé contra o Brasil.

O que nós temos que fazer? Primeiro, não existe saída individual para nenhum produtor, para nenhum criador de gado ou para nenhum empresário. Se alguém pensa que tem saída individual, pode tirar o cavalo da chuva porque



não tem. O que nós precisamos é fazer um pacto de brasilidade, um pacto de patriótico mesmo, de juntar governo e empresários em todas as frentes e enfrentar todos os oponentes que nós temos e todos os concorrentes de forma coesa.

Eu, agora, vou para o Japão e para a Coréia. Nós vamos no dia 22. Fizemos uma reunião com os produtores de álcool do Brasil e tem divergência, o setor tem divergência. O Japão quer comprar, mas quer determinadas garantias; o Furlan tem divergência com o setor, o Roberto Rodrigues tem, eles têm. E eu disse para eles: olha, vocês se juntem, montem um grupo de trabalho.

Quando eu chegar em Tóquio, eu quero chegar com uma posição coesa entre governo e o setor produtivo, para que todos falem a mesma língua; quem destoar não vai na viagem, porque nós precisamos chegar lá e mostrar para eles que nós estamos unidos, e precisamos mostrar que eles não têm como ter combustível alternativo se não comprarem o etanol brasileiro que produzimos, da melhor qualidade, e poderemos dar garantia a eles de que o mercado deles vai ser atendido.

E isso vale para o que vocês estão fazendo, ou seja, por que nós não podemos competir com a Alemanha? Por que nós não podemos, cada vez mais, produzir café de qualidade e ocupar o espaço que a Alemanha ocupa, sem que ela produza nem um pé de café, nem um grão de café? Para isso, ainda quando o Paulo Skaf não era presidente da Fiesp, eu disse uma vez ao Piva: Piva, o papel da Fiesp, hoje, e de outros empresários – tudo bem que podem fazer a crítica que quiserem ao governo – mas uma vez por mês lote um avião de empresários e vá para um país vender os nossos produtos, vá escarafunchar lá, vá cavucar, vamos tentar mostrar. Nós não somos apenas exportadores de matéria-prima, nós podemos ser exportadores de produtos manufaturados e competir para ganhar.



Qual é o país do mundo que tem um café desses? Eles podem ter marca, podem ter nome, podem ter *merchandising*, mas qualidade não têm. Agora, nós precisamos acreditar nisso. O dado é que nós precisamos acreditar nisso. Se nós acreditarmos, nós teremos muito mais facilidade de fazer com que os outros acreditem em nós.

Este Brasil é um Brasil que nós poderemos consolidar definitivamente nos próximos anos. Eu vou terminar dizendo para vocês, o Furlan estava comigo, a primeira vez em que eu fui a Davos, e me convidaram para participar de uma reunião de presidentes da América Latina, era uma noite ibero-americana. E fomos lá ouvir uma palestra do ex-presidente da Espanha, Felipe Gonzalez, e depois ouvimos uma série de presidentes falarem. Então, começava a falar um presidente, e ele começava: “não, porque no meu país tem muita pobreza, tem muita miséria e porque no meu país não sei das quantas, tem tanto de desemprego, tem criança de rua, tem criança morrendo, e tem não sei o que lá e tem...” Eu fiquei pensando, quando um presidente da República chega num fórum internacional e fica falando assim, o que ele pensa que vai ganhar? O que ele pensa que vai ganhar de respeito? Alguém vai dizer: coitadinho deste país, é pobrezinho, não tem nada, nós vamos fazer investimentos lá, nós vamos ajudá-lo?

Eu comecei a pensar: se nós somos convidados para fazer debates no fórum e nós não nos respeitamos e não falamos das coisas boas que nós somos capazes de fazer... Porque as ruins os adversários falam. Os nossos adversários no café falam do nosso café e não falam bem. Os nossos adversários na carne falam da nossa carne e não falam bem, os nossos adversários de outros produtos já falam mal. Então, nós temos que assumir a responsabilidade de falar bem das coisas que nós somos capazes de fazer. Ou seja, eu nunca vi ninguém sair na rua contando as brigas que teve dentro de casa. Nunca vi ninguém dizer que a sua mulher é feia e muito menos a mulher dizer que o marido é feio.



Se a gente não diz essas coisas íntimas para poder preservá-las, por que na questão do país a gente não faz o mesmo? Por que a gente não casa definitivamente com este país e passa a falar bem dele em todos os lugares em que a gente vai? A falar bem da nossa indústria em todos os lugares em que a gente vai? Falar bem da nossa agricultura em todos os lugares que a gente vai? Na hora em que a gente consolidar isso, nós seremos imbatíveis na competição internacional.

Muito obrigado e boa sorte a vocês.